

HERÁLDICA E GEOGRAFIA

heraldry and geography

Hervé Théry *

Resumo

O artigo examina duas relações entre a heráldica e a geografia. A primeira é que hoje o objeto principal da heráldica, os brasões, servem principalmente para simbolizar identidades territoriais, transmitindo a visão que os seus autores e patrocinadores querem dar do território representado pelo brasão. Outra utilidade é que a sua linguagem precisa e rigorosa pode ser usada para descrever de maneira sintética as configurações territoriais que aparecem em mapas e modelos gráficos. Após ter definido a heráldica e analisado alguns exemplos de brasões territoriais no Brasil e na França, o artigo destaca os seus elementos relevantes para a análise geográfica, principalmente as palavras que descrevem a estrutura dos brasões e podem ser transpostos para mapas e modelos gráficos.

Palavras-chave: Heráldica, Brasões, Identidade, Configurações territoriais.

Abstract

The article examines two relationships between geography and heraldry. The first is that today the main purpose of heraldry, coats of arms, are used primarily to symbolize territorial identities, transmitting the vision the authors and their sponsors want to give of the territory represented by them. Another use is its precise and accurate language, which can be used to describe briefly the territorial configurations that appear on maps and graphical models. After defining heraldry and analyzing some examples of coats of arms of territories in Brazil and France, the article highlights its relevance for geographic analysis, especially the words describing the structure of crests, which can be transposed to maps and graphical models.

Key words: Heraldry, Coats of arms, Identity, Territorial configurations

Résumé

L'article examine deux relations entre héraldique et géographie. La première est qu'aujourd'hui l'objet principal de l'héraldique, les blasons, servent principalement à symboliser des identités territoriales, transmettant la vision que leurs auteurs et commanditaires veulent donner du territoire représenté par eux. Une autre utilisation est que sa langue précise et exacte peut être utilisée pour décrire succinctement les configurations territoriales qui apparaissent sur les cartes et modèles graphiques. Après avoir défini l'héraldique et analysé quelques exemples de blasons de territoires au Brésil et en France, l'article met en évidence sa pertinence pour l'analyse géographique, en particulier les mots qui décrivent la structure des blasons et peuvent être transposés aux cartes et modèles graphiques.

Mots-Clés: Héraldique, Blasons, Identité, Configurations territoriales

(*) Prof. Dr. Convidado na Universidade de São Paulo, Directeur de Recherche au CNRS-Creda - Institut d'Haute Études d'Amérique Latine, Université de Paris III - 28, Rue Saint Guillaume, CEP: 75.007 - Paris, França, Tel: (00 33) 01 4439 8671 - hthery@aol.com

INTRODUÇÃO

Que relação pode existir entre a heráldica, ciência nascida para evitar mortes inúteis em batalhas campais nas guerras da Idade Média, e a geografia de hoje? Duas pelo menos, a primeira sendo que o seu objeto principal, os brasões, ainda existem e são produzidos no mundo inteiro, inclusive no Brasil, para simbolizar identidades territoriais (de cidades, Províncias, Régions, Länder, Counties, Estados e até países), transmitindo a visão que os seus autores e patrocinadores querem dar do território representado pelo brasão. Outra utilidade, menos óbvia e que constitui uma (pequena) transferência de tecnologia, é que a sua linguagem precisa e rigorosa pode ser usada para descrever de maneira sintética as configurações territoriais que aparecem em mapas e modelos gráficos.

Vale a pena, portanto, entender seus princípios e regras, para poder aplicá-los à geografia. Após ter definido a Heráldica e analisado alguns exemplos de brasões territoriais no Brasil e na França, destacaremos os elementos relevantes para a análise geográfica, principalmente os que descrevem a estrutura dos brasões e podem ser transpostos para mapas e modelos gráficos.

A HERÁLDICA

A heráldica é a ciência dos brasões, emblemas usados na Idade Média nos escudos para identificar os combatentes no campo de batalha, já que eles não vestiam uniformes e que todos queriam identificar amigos e inimigos o mais rapidamente possível e sem erro. Poder-se-ia dizer que o brasão desenhado no escudo é o antepassado longínquo dos identificadores ativos IFF (Identify Friend or Foe) instalados nos aviões de guerra, que ao receberem sinais das estações de radar transmitem um sinal de resposta que identificava o aparelho como Friend (amigo), caso contrário ele é considerado Foe (inimigo).

Para poder obter este resultado seguro, a heráldica usa uma linguagem precisa, capaz de descrever sem ambiguidade os brasões mais complexos. A partir de um texto descritivo, sem ajuda de ilustrações, deve ser possível identificar o portador do brasão, ou de compor um brasão novo que não repita nenhum dos que já existem e são registrados em livros especializados, os armoriais. Portanto, a composição dos escudos e dos textos que os descrevem obedecem a regras definidas com precisão e que se aplicam, praticamente inalteradas, até hoje. Considerada ciência auxiliar da história – uma pecha que a geografia também sofreu por muito tempo – a heráldica é, de fato, útil para historiadores e arqueólogos por facilitar a identificação e a datação de qualquer objeto ou monumento onde aparece um brasão. Além dela ser uma disciplina em si, é também uma arte, pela riqueza do seu vocabulário e do seu simbolismo.

Especialistas em heráldica, os arautos, são encarregados dos registros dos brasões, da concepção dos novos, e mais geralmente da observância de suas leis. Este cargo teve grande importância nos últimos séculos da Idade Média, especialmente na guerra e na organização dos torneios que as substituíram gradualmente. Em Portugal, o ofício foi organizado de forma sistemática pela primeira vez em 1509 sob as ordens de Dom Manuel I, que fez reunir todos os brasões, insígnias e letreiros, para acabar com o livre arbítrio no uso dos brasões. No Brasil Império, houve dois “Reis de Armas” (ou seja, o arauto-mor), Possidônio Carneiro da Fonseca Costa e Luís Aleixo Boulanger, e a atividade heráldica não parou por completo com a queda do último Imperador, hoje a chama é mantida pela Sociedade Brasileira de Heráldica e Humanística:

“Fundada em 13 de março de 1959 [...] a Sociedade Brasileira de Heráldica e Humanística [é uma] instituição sem fins econômicos e lucrativos [que] comemorou em 2009 o Jubileu de Ouro. [...] A entidade foi oficializada pelo Governo da República Federativa do Brasil, nos idos de 1965 [...]. A Sociedade Brasileira de Heráldica tem como objetivo, dentre muitas outras atividades culturais, educacionais, ecológicas, cívicas filantrópicas e honoríficas, a orientação heráldica e vexilológica à organizações militares e civis quando na concepção de seus Brasões e Escudos de Armas, Bandeiras, símbolos, e uniformes, além de literalmente ingerir na “reconstrução” de centenas de



Brasões e Escudos de Armas de municípios brasileiros, que se encontram em desacordo com as leis internacionais e as convenções da Ciência e da Arte Heráldica”.

Esta citação mostra que a primeira utilidade da heráldica no mundo contemporâneo – especialmente no Brasil – nasce da prática de desenhar ainda hoje brasões para cidades e Estados, o que assegura aos arautos atuais uma clientela complementar daquela que constituíam, nos séculos passados, barões, condes e marqueses.

BRASÕES TERRITORIAIS HOJE

Todas as entidades territoriais brasileiras têm brasões, desde os dos municípios até o do próprio país (Figura 1), que sem dúvida representa o mais conhecido, posto ser desenhado ou esculpido em inúmeros prédios públicos e documentos oficiais.



Figura 1 - O brasão do Brasil

As armas nacionais são um dos quatro símbolos oficiais da República Federativa do Brasil (os outros sendo a bandeira nacional, o hino nacional e o selo nacional), conforme estabelece o art. 13, § 1.º, da Constituição do Brasil. O Brasão de Armas do Brasil foi idealizado pelo engenheiro Artur Zauer e desenhado por Luís Gruder, a pedido do presidente Manuel Deodoro da Fonseca. Segundo a Lei 5.700, de 1.º de setembro de 1971, alterada pela lei 8.421, de 11 de maio de 1992, o desenho das armas nacionais deve obedecer à proporção de quinze de altura por quatorze de largura, e atender às seguintes disposições:

- O escudo redondo será constituído em campo azul-celeste, contendo cinco estrelas de prata, dispostas na forma da constelação do Cruzeiro do Sul, com a bordadura do campo perfilada de ouro, carregada de estrelas de prata em número igual ao das estrelas existentes na bandeira nacional;
- O escudo ficará pousado numa estrela partida e gironada, de dez peças de sinopla e ouro, bordada de duas tiras, a interior de goles e a exterior de ouro;
- O todo brocante sobre uma espada, em pala, empunhada de ouro, guardas de blau, salvo a parte do centro, que é de goles e contendo uma estrela de prata, figurará sobre uma coroa formada de um ramo de café frutificado, à destra, e de outro de fumo florido, à sinistra, ambos da própria cor, atados de blau, ficando o conjunto sobre um resplendor de ouro, cujos contornos formam uma estrela de vinte pontas;



- em listel de blau, brocante sobre os punhos da espada, inscrever-se-á, em ouro, a legenda República Federativa do Brasil, no centro, e ainda as expressões 15 de novembro, na extremidade destra, e as expressões de 1889, na sinistra.

Notam-se nesta definição oficial algumas palavras (gironada, sinopla, goles, em pala, destra, blau, brocante), que parecem estranhas para quem não conhece o vocabulário heráldico (veremos adiante que têm significado preciso). Vê-se também que o brasão contém outros símbolos, como a espada ou a constelação do Cruzeiro do Sul, igualmente constitutivos da memória nacional. Os ornamentos laterais, os ramos de café e fumo, remetem às principais riquezas do país na época, hoje seriam provavelmente folhas de soja ou de cana de açúcar.

Brasões de Estados

Os Estados também têm os seus brasões (Figura 2). Alguns conformes a tradição heráldica e seu vocabulário, como os de Alagoas e São Paulo e outros mais próximos de logotipos e usando uma descrição menos precisa (Ceará, Minas Gerais, Paraná), destacados nos exemplos escolhidos na figura abaixo. Todos usam símbolos evocativos das suas produções agrícolas (cana, algodão, fumo, café, etc.) ou da sua orientação econômica (mineração para Minas Gerais, agricultura para o Paraná). A tradição heráldica europeia continua presente: no Paraná se esperava um camponês com enxada, não um ceifador, e em São Paulo o louro e o carvalho do escudo não parecem ser uma boa escolha para representar as produções típicas do Estado, ao contrário dos ramos de café dos suportes laterais.



Figura 2 - Os Brasões dos Estados

Analisemos os exemplos citados:

a) Alagoas

O brasão de armas de Alagoas foi instituído pela mesma Lei que estabeleceu a bandeira do estado (lei nº 2.628 de 23 de setembro de 1963). É assim descrito:

Escudo português antigo, em posição natural, partido de prata. À destra com um rochedo de goles (vermelho), sainte de um mar ondado e movente da ponta que sustem uma torre de goles (vermelho), que é de Penedo; à sinestra, com três morros de goles (vermelho), unidos, o do meio mais alto, saintes de um contra-chefe de oito faixas onduladas de blau (azul) e prata, alternadas, que é de Porto Calvo. No chefe, ondado de blau (azul), três tainhas nadantes de prata, postas em contra-roquete, que é das Alagoas (Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro). Por apoios, à destra, um coimo de cana-de-açúcar empenado, e à sinestra, um ramo de algodoeiro, encapuchado e florado, ambos de sua cor. Em cima, estrela de prata, de cinco pontas, como timbre.

b) Ceará

A versão atual é baseada na lei nº 13.878 de 23 de fevereiro de 2007, com as alterações da lei nº 13.897 21 de junho de 2007:

Art. 1º O Brasão do Estado do Ceará será representado por um escudo polônio com campo verde, fendido, figurando na sua parte esquerda sete estrelas, na cor branca, que representam as mesorregiões do Estado e, sobre o todo a elipse central, com elementos internos distribuídos em quatro quadrantes, com a linha do horizonte no centro. O primeiro quadrante contém o sol e o farol do Mucuripe; o segundo, a serra e o pássaro; o terceiro, o mar e a jangada; e o quarto, o sertão e a carnaúba, simbolizando os quatro elementos da natureza: fogo, ar, água e terra. Como timbre, a figura de uma fortaleza de construção antiga, cor de ouro, com cinco merlões.

c) Minas Gerais

O brasão foi definido pelo Decreto Nº 6.493 de 5 de Fevereiro de 1924:

No centro o lampião com as picaretas ferramentas usadas na escavação e iluminação dos túneis na extração do ouro nas minas. A estrela de cinco pontas desenhada com dois fios e representando a união, foi retirado do brasão da federação, em seu centro um círculo branco representando a luz do lampião e envolvendo-o junta as picaretas em cruz. Na ponta superior da Estrela desce um fio que segura o lampião dividindo-a ao meio, a parte esquerda desta divisão é recoberta na cor vermelha e a direita na cor azul repetindo o procedimento nas outras quatro pontas entre as duas pontas laterais superiores encaixa-se a frase *Libertas quæ sera tamen* formando um semicírculo em letras pretas. Abaixo das duas pontas laterais inferiores um faixa em azul escrito Estado de Minas Gerais que sobrepõe dois galhos de fumo e café representando a maior economia da época que envolve a estrela em formato circular prendendo os galhos um laço de fita vermelha e nas pontas a data de 15 de Junho de 1891 (data da promulgação da constituição estadual).

d) Paraná

O desenho do Brasão de Armas do Estado do Paraná se encontra anexado a Lei nº 904 de 21 de março de 1910.

Formam o Brasão de Armas paranaense um escudo português apresentando um campo vermelho, cor das terras férteis setentrionais do Estado, onde a figura de um lavrador cultiva o solo. Acima deste um sol nascente, que simboliza a liberdade, e três picos simbolizando a grandeza, a sabedoria, e a nobreza do povo, bem como, os três planaltos paranaenses: o Oriental ou de Curitiba; o Central ou dos Campos Gerais; o Ocidental ou de Guarapuava.

e) São Paulo

A descrição heráldica, dada pela lei nº145/1948, é a seguinte:

Em escudo português de goles uma espada com o punho brocante sobre o cruzamento de um ramo de louro à destra e um de carvalho à sinistra, passados em aspa na ponta, e acostada em chefe das letras



S.P., tudo de prata; timbre: uma estrela de prata; suportes: dois ramos de cafeeiro frutificados, de sua cor, passados em aspa na ponta; divisa: em listei de goles, brocante sobre o cruzamento dos suportes, “Pro Brasilia fiant eximia”, de prata.

Ressaltando a importância dos brasões, os municípios também, ao conquistarem sua autonomia, criam seus símbolos, bandeira, hino e brasão, que passa a ser um dos suportes da sua identidade.

Brasões de municípios

Até municípios pequenos (Figura 3) fazem questão de ter o seu brasão, como aqueles que aparecem na figura 3, os quinze primeiros, por ordem alfabética, do Estado de São Paulo. Em muitos casos especialistas em heráldica foram solicitados para desenhá-los respeitando as regras da arte.



Figura 3 - Brasões de Municípios de São Paulo

A importância da heráldica na França, um dos países de nascimento desta arte, se mantém no hábito de dotar cidades, Départements e Régions do seu brasão (Figura 4). Estas últimas entidades, criadas em 1965, são em muitos casos herdeiras das Provinces do tempo dos reis, antes da Revolução francesa, e que fazem questão de lembrá-lo nos seus brasões. A figura seguinte reúne doze exemplos de brasões de Régions (que são 22 ao todo) classificados do mais simples, graficamente, aos mais complexos. Eles são sempre acompanhados da sua descrição heráldica, que soa estranha também para franceses leigos nesta arte secular, mas que acaba sendo mais clara e curta que o seu equivalente em francês comum.

Por exemplo, a transposição do brasão da Bretanha, o mais simples (“D’hermine plain”), poderia ser “Surface entièrement recouverte d’hermine”. Para a Borgonha, o mais complexo (“Écartelé: au premier et au quatrième, d’azur semé de fleurs de lys d’or à la bordure componée de gueules

et d'argent; au deuxième et troisième, bandé de six pièces d'azur et d'or à la bordure de gueules”) teríamos “Coupé en quatre avec en haut à gauche et en bas à droite des fleurs de lys jaunes sur fond bleu avec une bordure rayée rouge et blanche; en haut à droite et en bas à gauche six bandes jaunes et bleues diagonales de haut en bas avec une bordure rouge”. No primeiro caso, a descrição heráldica tem 14 caracteres, a descrição em linguagem simples 40, ou seja 185% a mais. No caso da Borgonha, passa-se de 202 a 249, 23% a mais.

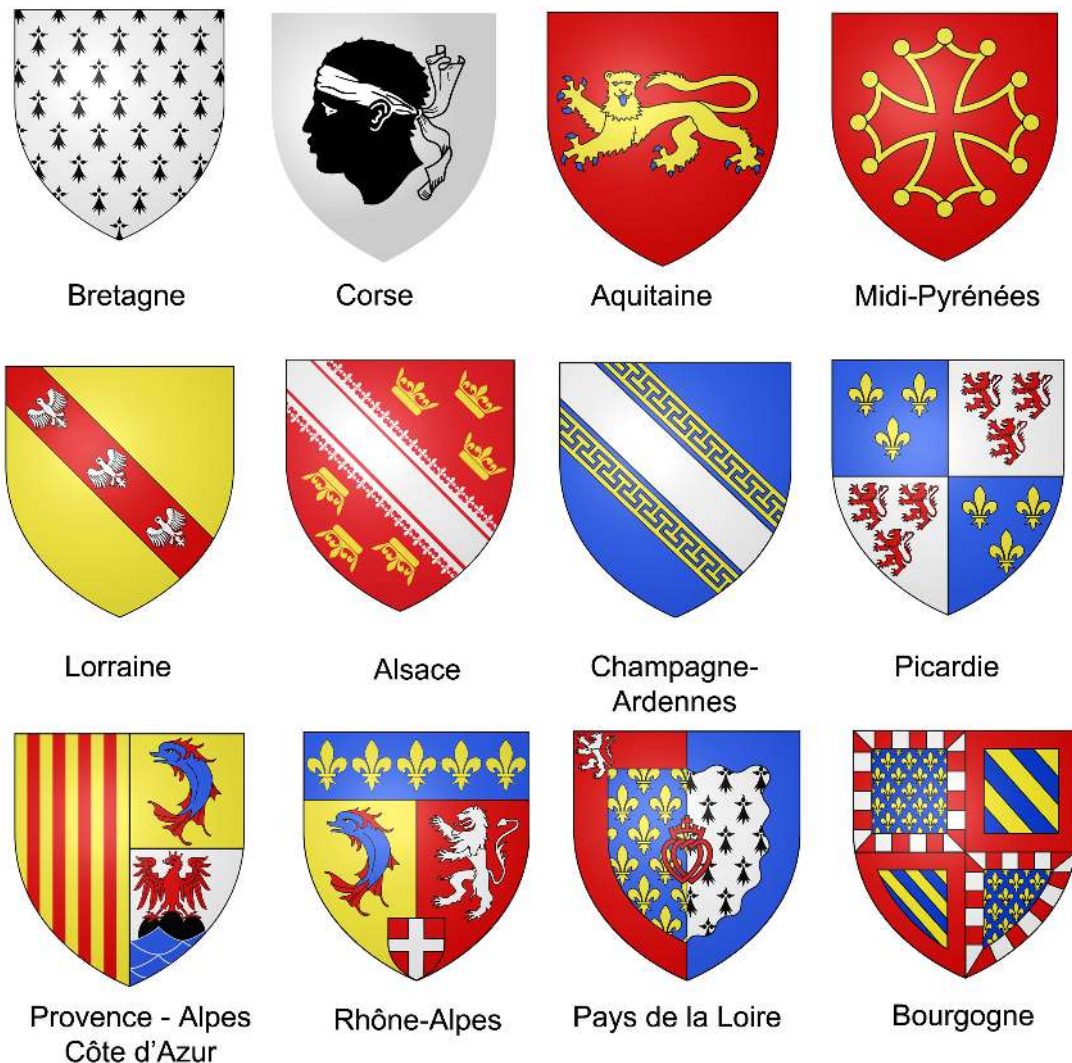


Figura 4 - Brasões Regionais na França

Cidades – especialmente cidades grandes – também gostam de usar brasões para transmitir mensagens, destacar as características que seus prefeitos querem valorizar.

Paris e São Paulo

No caso de Paris, a mensagem é a antiguidade de Paris, mesmo sendo a capital da França uma criação recente em comparação com cidades fundadas pelos romanos ou gregos no sul do país (Figura 5), como Nîmes ou Marseille: por isso se refere à sua mais antiga instituição, a corporação do comércio fluvial, que fez a fortuna da cidade. O brasão data de 1111, o navio representado é o símbolo da corporação dos Marchands de l'eau, os comerciantes que navegavam no rio Sena. O



lema da cidade, *Fluctuat nec mergitur* (“É sacudida pelas ondas, mas não afunda”) é igualmente uma referência a este comércio, e à história turbulenta da cidade. As cores – vermelho e azul – associadas ao branco da bandeira real deram origem à bandeira nacional francesa. Os ramos laterais, de carvalho e oliveira, também dão a dimensão nacional da capital, do norte ao sul da França (onde crescem respectivamente as duas árvores).



Figura 5 - Brasão de Paris

O brasão de São Paulo (Figura 6) é formado por um escudo com um braço empunhando a bandeira da cruz de Cristo (usada pelos navegantes portugueses), simbolizando a fé cristã. Acima do escudo, uma coroa de cinco torres, símbolo de uma capital (como no brasão de Paris). As laterais são adornadas por ramos de café, o principal pilar da economia paulista na época. A divisa *Non ducor, duco* (“Não sou conduzido, conduzo”) valoriza a independência da cidade e seu papel de liderança no Estado e no país.



Figura 6 - Brasão de São Paulo

Lançado em 1916, no mandato de Washington Luís, o concurso para escolha do brasão elegeu Guilherme de Almeida e José Wasth Rodrigues. Posteriormente, com algumas alterações solicitadas pela comissão julgadora, o brasão foi oficializado em 8 de março de 1917. Em 1976 a Sociedade Brasileira de Heráldica alertou o então prefeito Miguel Colassuono, quanto à existência de erros na concepção do brasão: “O brasão atual ressenete-se de uma falha, em termos de leis internacionais de heráldica, quanto ao número de torres de sua coroa mural. Esse elemento (o número de torres) determina o status da localidade caracterizada, ou seja: três torres aparentes em prata, aldeia; quatro torres aparentes em prata, vila; cinco torres aparentes em prata, cidade; e cinco torres aparentes em ouro, capital”. Errado ou não, o brasão manteve as suas cinco torres, afirmando assim que São Paulo é uma capital, do seu Estado, sem duvida, e talvez deixando entender – indiretamente – que é a verdadeira capital nacional ...

A demanda de brasões não se limita a cidades antigas, entre as recentemente fundadas (Figura 7) a escolha de armas municipais é uma das etapas da criação da nova entidade, junto com a bandeira e o hino: a mais recente capital estadual brasileira, Palmas, tem o seu brasão, como a mais recente província canadense, o Nunavut, ou o município de Juína, fundado em 1979.



Figura 7 – Brasões de cidades recentes

Aparentemente contraditório, até os países dirigidos por partidos comunistas fizeram questão de ter brasões (Figura 8), mesmo estes tendo sido por séculos privilégios da nobreza (ou de algumas cidades e corporações), ou melhor, exatamente por esta razão. Os representantes autoproclamados do proletariado apenas substituíram as coroas e cetros dos reis pelo martelo e a foice, os espigões de trigo pelos poços de petróleo ou as usinas hidroelétricas. Maneiras, provavelmente, de afirmar que a nova nação continuava a antiga, afinal os bolcheviques executaram o Czar, mas não destruíram o Kremlin. A figura abaixo junta os escudos da (finada) Alemanha oriental, da República (ex-soviética) do Azerbaijão, da China, da Coreia do Norte e de Cuba.



Figura 8 – Brasões de países dirigidos por partidos comunistas

O brasão é também um elemento da identidade de outro tipo de comunidade, os clubes de futebol (Figura 9). Ele figura em destaque nas roupas que os torcedores vestem para demonstrar a sua lealdade – para não dizer a sua devoção – ao seu clube. As cores do brasão são muitas vezes usadas no apelido pelo qual os torcedores se referem ao clube: “alvinegro” (preto e branco) para o Botafogo e o Santos, “tricolor” para o Fluminense, o Grêmio, “verdão” para o Palmeiras, etc.





Figura 9 – Brasões dos clubes de futebol

ELEMENTOS DE HERÁLDICA

Os brasões continuam muito presentes no mundo atual e, portanto, vale a pena lembrar as regras da heráldica, para o seu objetivo principal – compor brasões corretos – e para usá-las – de maneira indireta, para a qual não foi pensada – nas práticas geográficas. Portanto, destacaremos os seus elementos relevantes para a análise geográfica, principalmente os que descrevem a estrutura dos brasões e podem ser transpostos para mapas e modelos gráficos.

Escudos

A forma de um escudo (Figura 10) não tem um desenho padrão. Há formas tradicionalmente aceitas pelos heraldistas, que dependem da sua origem e da sua época, porém pouco importa o formato, o que conta é a imagem que contem. Os elementos auxiliares (timbre, virol, lambrequim, lema) podem ser de desenho rococó, o escudo em si se reduz a poucas figuras geométricas às quais pode se superpor, no máximo uma figura simbólica, geralmente de animal. Nisso o brasão tem um elemento em comum com os modelos gráficos, além do obvio, a forma geométrica da maior parte dos brasões.

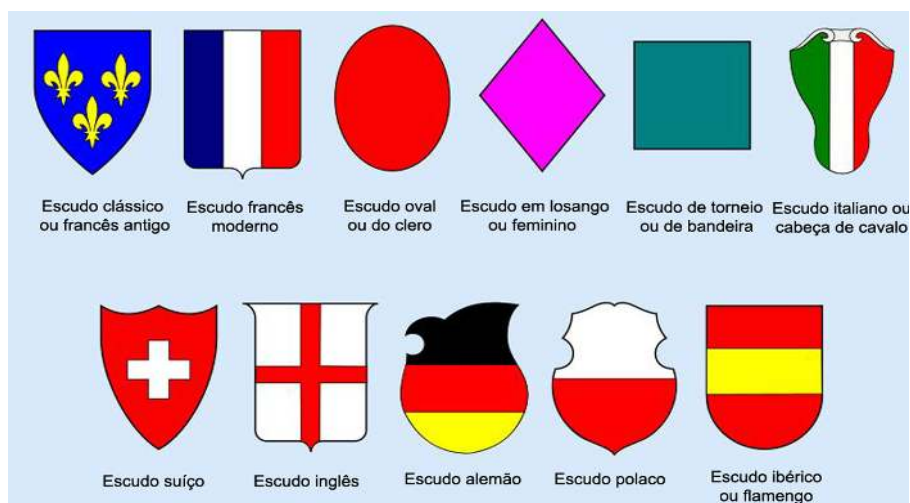


Figura 10 – Formas dos escudos

Esmaltes

Desde o início, a heráldica utiliza apenas um número limitado de cores (Figura 11) que, desde o século XV, levam o nome genérico de “esmaltes”. Eles são divididos em dois grupos, cores e metais. Os metais são o ouro e a prata, representados pelo amarelo e o branco, lembrando os reforços de metal do escudo medieval. O grupo das cores é formado por cinco tipos de esmalte, vermelho, preto, azul, verde e roxo, as cores mais utilizadas em bandeiras.

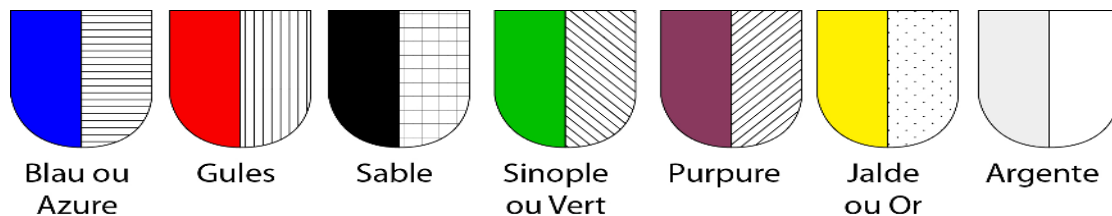


Figura 11 - Tipos de Esmalte

Este é um dos elementos menos úteis à análise geográfica, e que pode fazer duvidar a possibilidade de usar a heráldica, por conta do seu vocabulário. Ele usa uma linguagem específica para designar metais e cores, que vimos mencionados no brasão do Brasil, e que nos parece hermética. O ouro é chamado Or ou Jalde, ele é representado em desenhos coloridos pela cor amarela e em desenho em preto e branco por ponteados miúdos. A prata é chamada Argente, representada em desenhos coloridos pela cor branca, e em preto e branco por uma área vazia. O Blau ou Azure é representado pela cor ou por linhas horizontais. Gules ou Goles (do francês gueules) pode ser representado pela cor vermelha ou por linhas verticais. O Sable pode ser representado pela cor preta ou por várias verticais e horizontais sobrepostas, formando pequenos quadrados. O Sinople ou Vert pode ser representado pela cor verde ou por linhas diagonais, da direita para a esquerda. Finalmente Purpure é representado pela cor púrpura ou por linhas diagonais, da esquerda para a direita.

As partições do brasão

Ao contrário dos esmaltes, as partições (Figura 12) são os elementos heráldicos de maior interesse para a geografia. Elas dividem a superfície do escudo na horizontal, vertical ou diagonal, as partes que são coloridas com metal ou cor. A direção da linha indica o nome dessas partições: se a linha é horizontal, estamos na presença de um escudo cortado, se é vertical, de um escudo partido. A diagonal descendente da esquerda para a direita mostra um fendido e uma diagonal descendente da direita para a esquerda indica um talhado. Os nomes destas partições têm a sua origem nos quatro tipos de golpes ensinados pelos mestres de esgrima, verticais, horizontais ou diagonais (da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda), como se a linha que “corta” o brasão fosse o resultado de um golpe de espada.

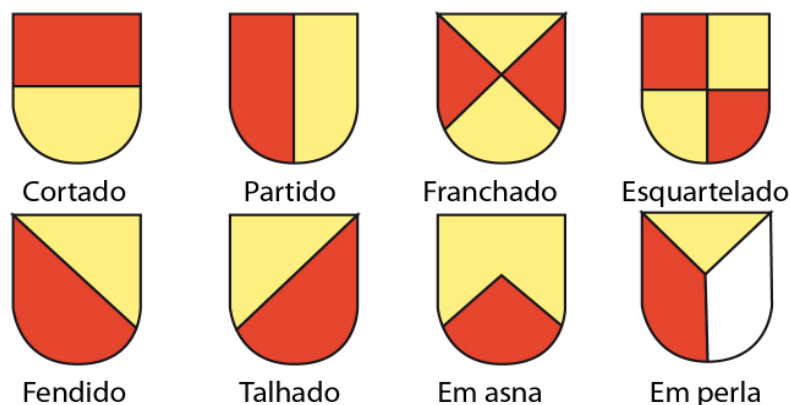


Figura 12 - Partições do Brasão



Peças honrosas

As peças de um escudo (Figura 13) são formas geométricas, superpostas às cores e metais, também chamadas honrarias porque se utilizavam originalmente para indicar uma honraria recebida pelo seu detentor. Enquanto as partições são compostas de áreas justapostas como pedaços de pano costurados numa colcha de retalhos, as peças se superpõem a elas, como os reforços do escudo medieval. Na cartografia seriam elementos pontuais ou lineares que vêm se superpor às áreas coloridas do mapa. Elas são, como as partições, definidas por linhas horizontais, verticais ou diagonais, e ocupam cerca de um quarto da superfície do escudo. A faixa é uma peça horizontal colocado no meio do escudo, a pala uma peça vertical, a banda uma diagonal descendo da esquerda para a direita. A asna é uma peça em forma de V invertido, a aspa é uma cruz diagonal, o chefe e a ponta são peças horizontais coroando a parte superior ou inferior do escudo. A borda ou bordura segue o seu contorno, os flancos são os seus lados, o cantão é um quadrado valendo um nono do escudo.

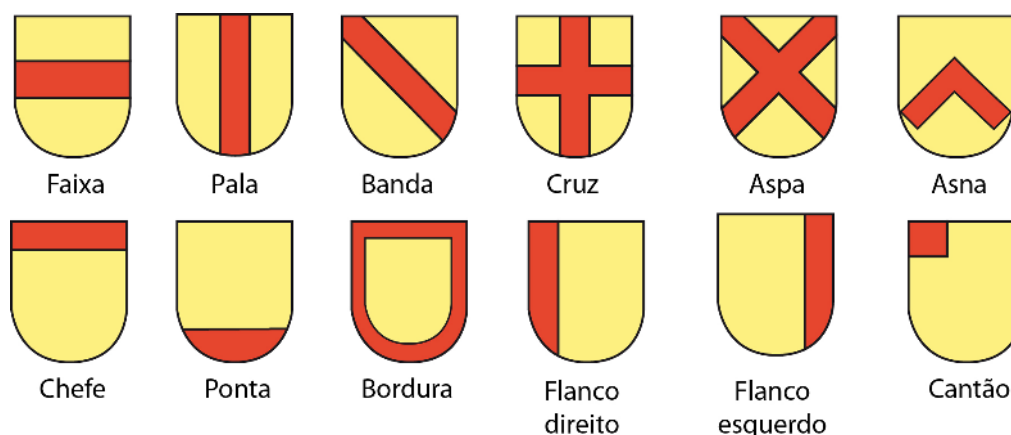


Figura 13 - Peças de um escudo

Até agora desvendamos apenas os elementos da heráldica que podem servir para serem articulados como elementos gráficos e estruturais na análise geográfica. A seguir tentaremos utilizá-los em alguns estudos de caso, para ajudar na compreensão dos fenômenos mapeados.

APLICAÇÃO AOS MAPAS E MODELOS GRÁFICOS

Podemos agora, em posse destas regras de descrição, aplicá-las a mapas e modelos gráficos, a partir de alguns estudos de casos franceses (Val de Marne) e brasileiros (densidade demográfica, localização dos assentamentos), destacando a compreensão das estruturas:

As estruturas do Val de Marne

Em cada página do Atlas do Val de Marne (THÉRY, 1993) aparece, ao lado de mapas convencionais, um modelo gráfico destinado a ajudar o leitor a perceber a estrutura principal que os mapas revelam. A figura abaixo é uma das páginas consagrada às densidades, ela associa ao mapa coropleto dos municípios, uma versão 3D, um mapa de isolinhas do entorno e um modelo que os resume, destacando a tendência principal.

Nota-se uma clara gradação das densidades (Figura 14), que diminuem do noroeste para o sudeste do Département. As maiores densidades são observadas em municípios situados na fronteira do Val de Marne com Paris, como Ivry, Gentilly, Charenton ou Saint-Mandé, quando os valores mais baixos são encontrados nos municípios do sudeste, onde a urbanização é recente, predominam moradias unifamiliares e as superfícies ainda ocupadas por agricultura e florestas ainda ocupam áreas significativas.

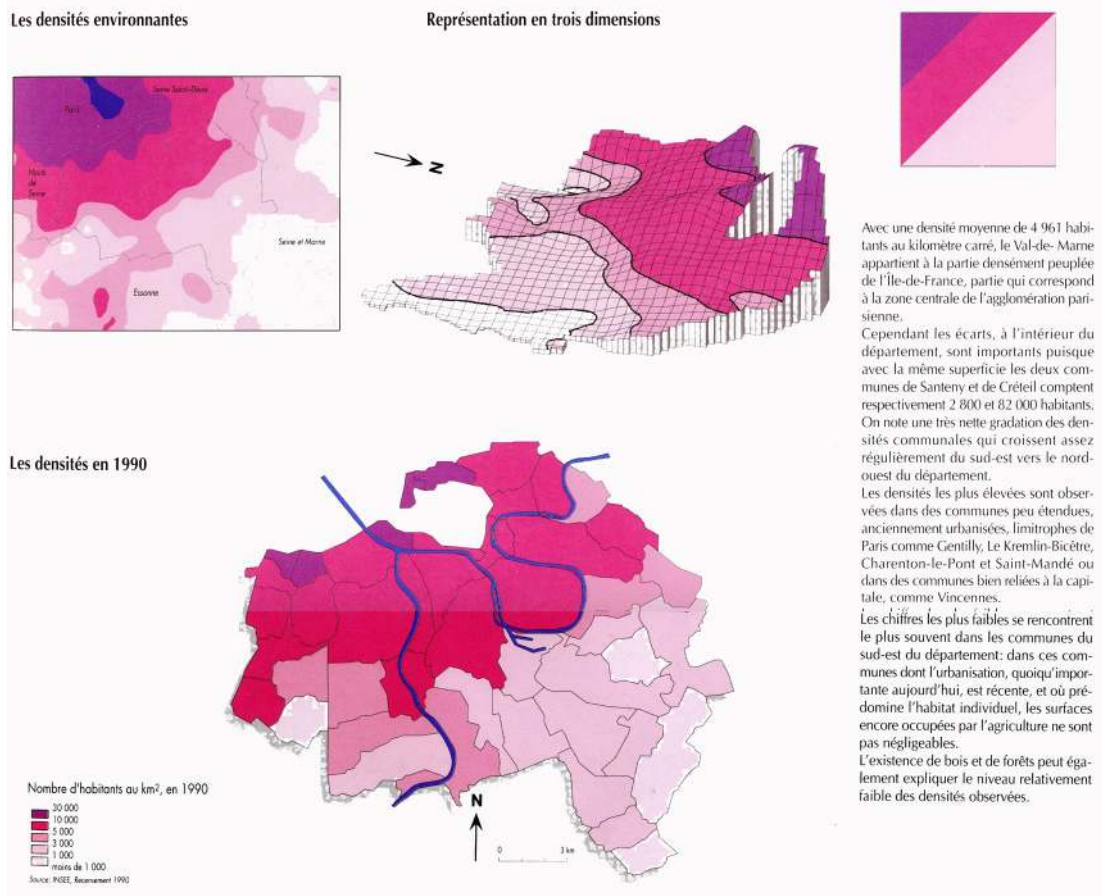


Figura 14 - Gradação das densidades demográficas em 1990
Fonte: THÉRY, 1986

Os modelos gráficos que acompanham e resumem os mapas temáticos fazem gradualmente aparecer, página após página, famílias de formas, padrões espaciais que se repetem regularmente e voltam com variações mais ou menos fortes. Três destes modelos refletem as principais diferenças no Val de Marne:

- O gradiente parisiense: a atração da capital é particularmente visível nas densidades populacionais, mas também nos padrões de infraestrutura e habitação. A orientação noroeste-sudeste é sublinhada pela fratura da antiga fronteira administrativa entre os ex-Départements de Seine e Seine et Oise (abolidos em 1965), que ainda explica hoje variações em equipamentos urbanos ou nos transportes públicos, por exemplo.
- O vale do rio Sena corta o Val de Marne por uma cicatriz norte-sul bastante identificável, herança histórica da antiga industrialização da primeira revolução industrial. As normas habitacionais, a estrutura e a evolução do emprego, as questões ambientais são aquelas das regiões de velha industrialização.
- Cidades: os dois pólos de Rungis e Créteil representam os esforços das autoridades do Département para fazer o emprego local aproveitar a desconcentração das atividades parisienses. Eles baseiam-se principalmente no desenvolvimento do setor terciário (Ceasa de Rungis, administração pública, saúde) e “quaternário” (indústrias de alta tecnologia, pesquisa e desenvolvimento).

Traduzido em termos heráldicos (Figura 15) poder-se-ia dizer que o Val de Marne é terciado em barra purple, com pala blau e dois besantes, na ponta do flanco direito e no flanco esquerdo.



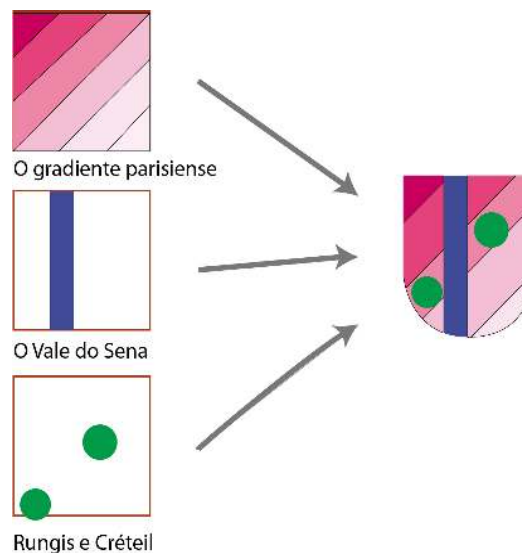


Figura 15 - Val de Marne em termos heráldicos

Casos brasileiros

O mapa das densidades demográficas do Brasil (Figura 16) pode ser resumido de maneira ainda mais simples: ele é partido e repartido.

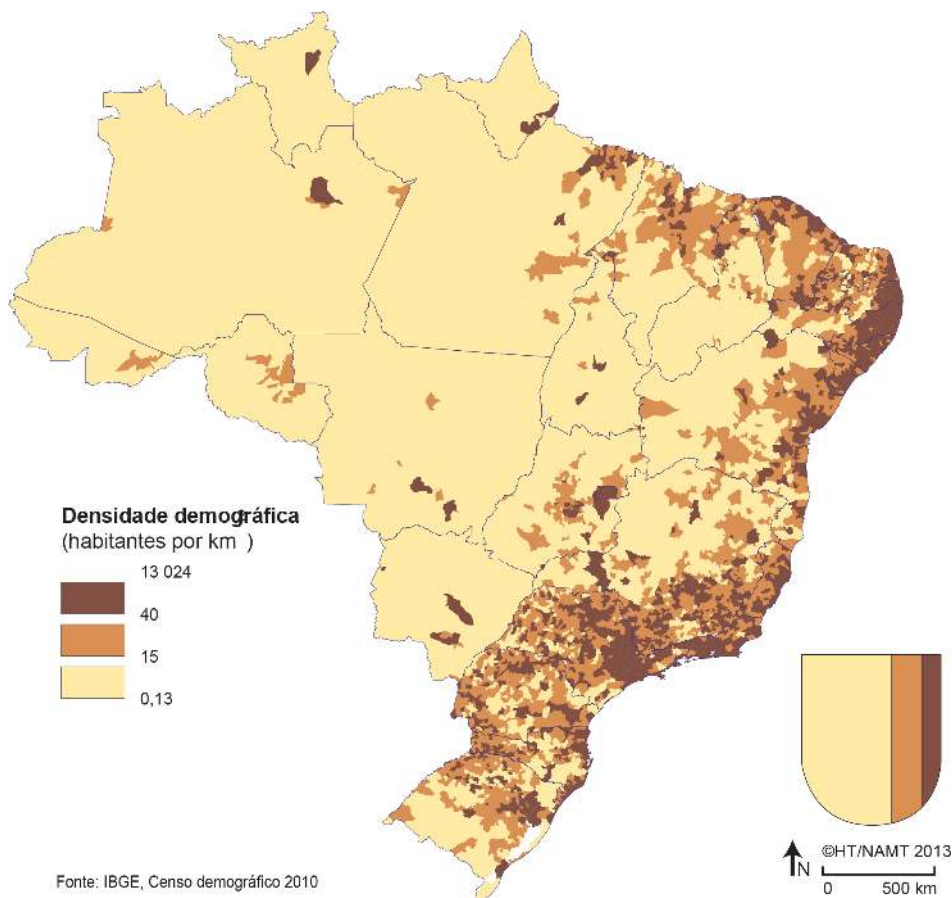
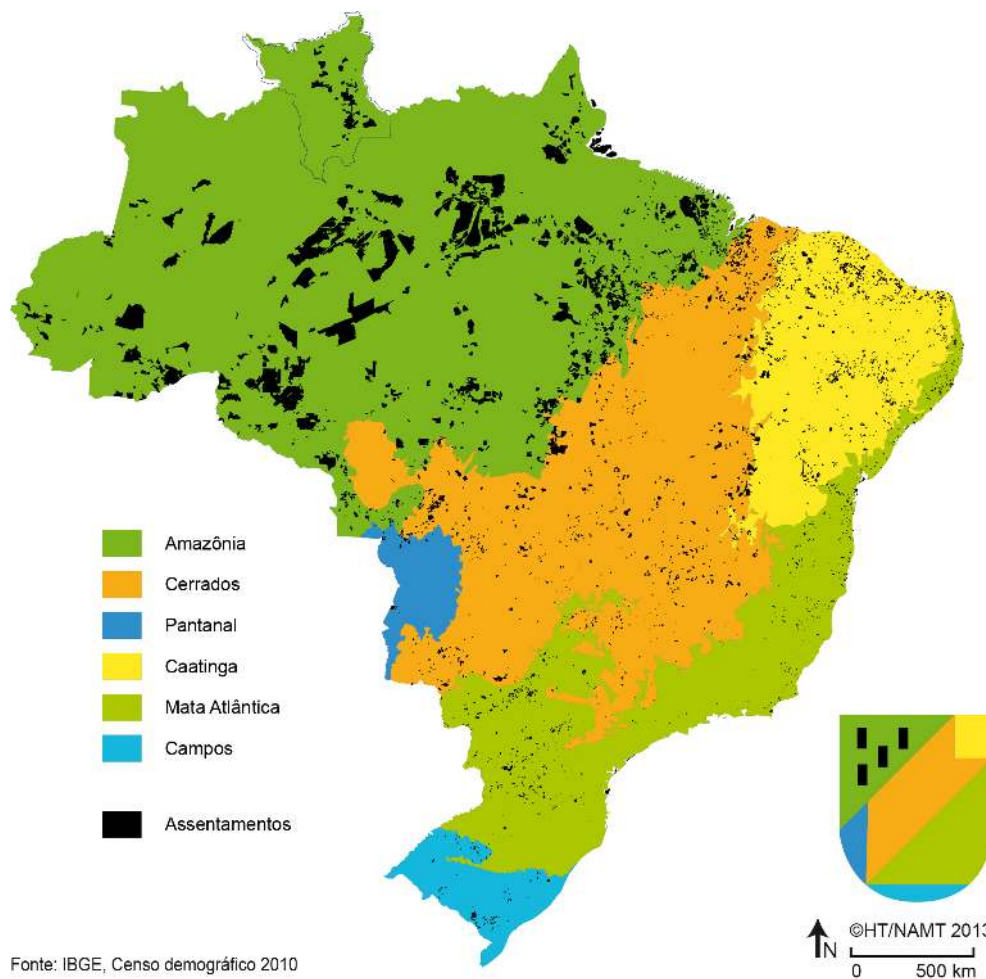


Figura 16 - Mapa das densidades demográficas do Brasil

O mapa da distribuição dos assentamentos em relação aos principais ecossistemas (Figura 17) é mais complexo: ele é terciado em barra sinopla, laranja e sinopla, com ponta blau, cantão blau (no flanco direito) e or (no flanco esquerdo) e bilhetes no chefe.



Fonte: IBGE, Censo demográfico 2010

Figura 17 - Mapa da distribuição dos assentamentos no Brasil em relação aos principais ecossistemas

A linguagem heráldica pode ser usada com mais propriedade ainda com os modelos gráficos, que já têm um estilo próximo do seu, geométrico e despojado de detalhes inúteis. A estrutura de base da Paraíba (Figura 18) é nitidamente partida e terciada em pala, com uma oposição entre o sertão que ocupa todo o oeste, quando no leste se sucedem Seridó e Cariri, agreste e zona da mata. Os outros elementos do modelo, pontuais ou lineares, vêm se superpor a esta trama fundamental.

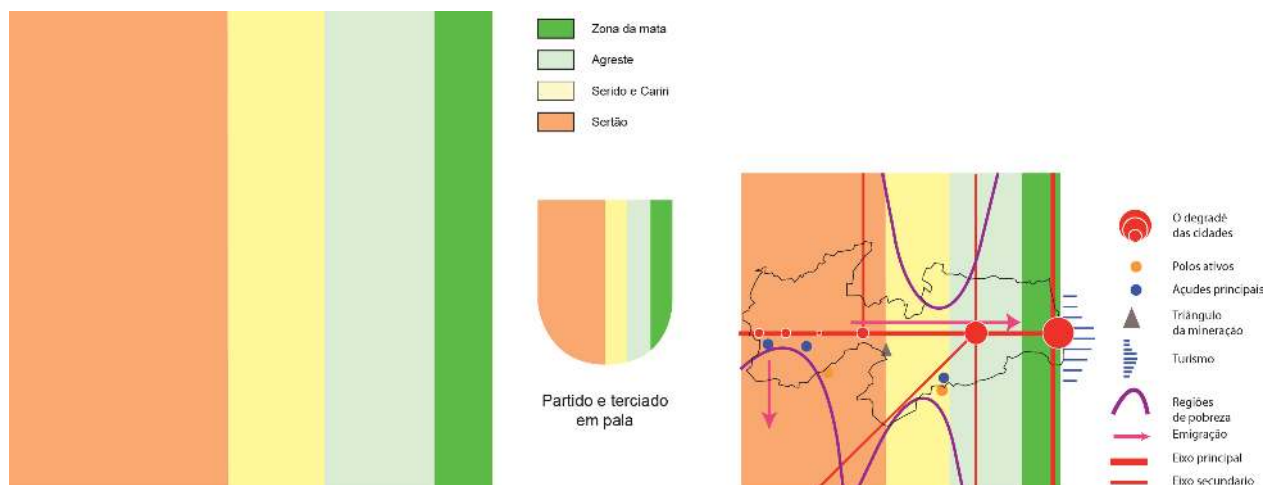


Figura 18 - Linguagem heráldica em modelos gráficos da Paraíba

Finalmente, o brasão tirado de um modelo das estruturas fundamentais do Brasil (Figura 19) é partido e repartido em sinopla e ouro, terciado em faixa, com um besante em flanco esquerdo.



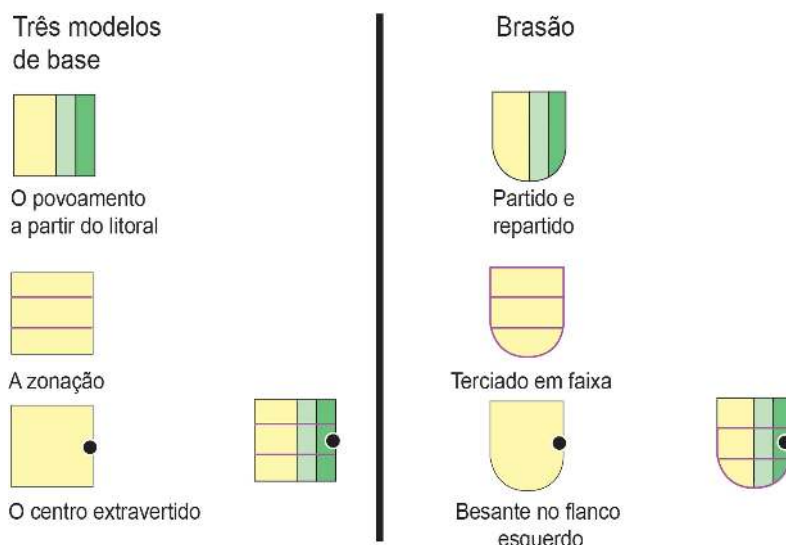


Figura 19 - Brasão das estruturas fundamentais do Brasil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações realizadas seriam uma boa sugestão para um novo brasão do Brasil, graficamente mais moderno e conforme as suas estruturas geográficas? Provavelmente não. O atual brasão é enraizado na tradição nacional e não deve ser alterado. Aliás, não pretendíamos reformar nada no campo da heráldica, apenas ver quais dos seus elementos poderiam ser úteis aos geógrafos. Na sua linguagem alguns elementos poderiam ser deixados de lado – como vocabulário das cores – porque surpreendem e prejudicam a compreensão, sem trazer nada essencial. Mas outros – como a nomenclatura das partições e peças – podem contribuir para enriquecer a análise geográfica, que nunca foi avessa a se apossar de palavras estrangeiras (gêiser, inselberg, hinterland, karst, etc.), desde que seja para torná-la mais precisa e rigorosa.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- THÉRY, H., **Brésil / Brasil / Brazil** (um atlas chorématique). Paris: Fayard / Reclus, 1986.
- THÉRY, H., Chorèmes et blason. **Mappemonde**, n° 88/1, 1988. pp. 35-37.
- THÉRY, H. (org.). **Atlas du Val-de-Marne**: Département du Val-de-Marne. Créteil: 1993
- THÉRY, H. LERNOUT, M.-T., LÉZY, E., MAURENCE P., L'Atlas du Val-de-Marne, peu de surface et beaucoup d'enseignements. **Mappemonde**, n° 93/3, 1993. pp. 14-16.
- THÉRY, H. e de MELLO, N.A. **Atlas do Brasil**: disparidades e dinâmicas do território. São Paulo: EDUSP, 2005.

sites consultados

- Esmaltes: <http://leherautdarmes.chez.com/emaux.html>
- História da heráldica: <http://www.passionchateaux.com/heraldique.htm>
- Sociedade Brasileira de Heráldica: <http://www.heraldica.org.br/>
- Partições: <http://leherautdarmes.chez.com/partitions.html>
- Peças: <http://leherautdarmes.chez.com/pieceshonorables.html>
- Brasões regionais franceses: <http://unblasonpourmareregion.over-blog.com>

Trabalho enviado em novembro de 2013

Trabalho aceito em dezembro de 2013